

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

273

INSCRIÇÕES 907-909



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2025

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Todos os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

José d'Encarnação | CEAACP

Toda a colaboração deve ser dirigida a:
fe.revista@uc.pt

Ficheiro Epigráfico | Instituto de Arqueologia | Palácio de Sub-Ripas
Rua de Sub-Ripas 3000-395 COIMBRA | PORTUGAL



ÁRULA A I. O. M. DE PALVARINHO

Árula votiva romana, de granito de grão fino, com alguma pátina (Fig. 1).

Foi achada no nº 7 da Rua Nova, de Palvarinho, aldeia pertencente à freguesia de Salgueiro do Campo, concelho e distrito de Castelo Branco. O sítio estaria integrado no *conventus Emeritensis*, província romana da Lusitânia. Pretendia-se abrir uma porta na parede da pocilga e, no monte de entulho daí resultante, alguém imaginou ver ‘um garrafão de água em cimento» – e assim a árula se salvaguardou, por ter sido dada a conhecer ao Arquitecto Mário Benjamim, da Associação de Estudos do Alto Tejo, sediada em Vila Velha de Ródão, uma das entidades que muito tem lutado pela salvaguarda e estudo do património arqueológico da região¹.

Está a árula na posse do proprietário do imóvel, o Dr. Paulo Jorge do Carmo Silva, a quem agradeço toda a disponibilidade manifestada para que se estudasse o monumento. É sua intenção entrar em contacto com as entidades locais, nomeadamente a Junta de Freguesia, no sentido de a árula se disponibilizar de molde a população ficar sensibilizada para o seu interesse histórico.

¹ Agradeço encarecidamente ao Doutor João Caninas e ao Dr. Francisco Henriques, da referida Associação, a gentileza de me haverem facultado o contacto com o proprietário, no sentido de se proporcionar este estudo. E ao Doutor Guilherme Cardoso a diligência em tirar fotografias dos mais diversos ângulos e com diferentes iluminações, a fim de melhor ressaltar o letreiro.

Dir-se-á, desde logo, que, apesar de muito gasta na face epigrafada, estamos perante um monumento de bom recorte, equilibrado – ‘clássico’, dir-se-ia, ou seja, segundo os mais perfeitos modelos de altares romanos. Capitel com toros cilíndricos laterais e fastígio triangular central, separado do fuste por ranhura de dois toros (Fig. 2). Base separada do fuste também por dois toros, assente em faixa reversa. Molduração de tipo clássico, nas quatro faces. A superfície frontal (Fig. 3) parece ter sido alisada para receber a inscrição.

Dimensões: 38 x 17/15,5/18 x 17/16/17.

IOVI // O(*ptimo*) (*hedera*) M(*aximo*) (*hedera*) / [...] O [N?] [...] / [...] L [...] / ^s [...] / [...] / A · CEL [...] / M [vel MA] (*hedera*) A(*nimo*) · L(*ibens*) · P(*osuit*)

A Júpiter Ótimo Máximo. [...] colocou de livre vontade.

Altura das letras: l. 1 e 2: 2,5; l. 3: 1,8; l. 7: 2,5; l. 8: 2,5.

De IOVI, no capitel, adivinha-se o I inicial, totalmente desaparecido com o desgaste, assim como o O, apenas perceptível; do V só não se percebe o vértice; e do I final nada se logra captar.

Na l. 2, O elíptico praticamente legível na totalidade; a depressão seguinte sugere a presença duma hera. M largo em que se capta bem quão fino terá sido o corte das letras; no final, uma hera de vértice para baixo.

Na l. 3, a 2^a letra é O, seguido (parece) de um N, de que se não enxerga bem a 2^a haste vertical.

Na l. 4, poderia a 2^a letra ser L e o demais – assim como o texto das linhas 5 e 6 – está imperceptível, devido ao grande desgaste da superfície.

Na l. 7, a 1^a letra é A, seguido de espaço (um ponto?); depois: C; E de barras curtas e L; haverá espaço para mais dois caracteres.

Na última linha: M (de *ductus* levemente obliquado para a esquerda) ou MA em nexos, seguido (talvez) de hera, A de travessão curto, L e P (este com serifa inferior e a curvatura

delida)².

Por conseguinte, se não padece dúvida a fórmula votiva final, corrente na Lusitânia em documentos deste tipo; e se a leitura do M isolado, da última linha, pode levar a interpretar M(erito), a possibilidade de aí estar o nexo AM apontaria para o acusativo de um antropónimo feminino, a ser, portanto, menção da pessoa em prol da qual se teria mandado fazer o monumento. Aliás, estarão ocultas nas linhas que não se conseguiram ler a identificação do dedicante e, porventura, a referência ao motivo da dedicatória.

De seguro, pois, somente a ocorrência de mais um testemunho do culto a Júpiter na sua habitual designação de Óptimo Máximo, numa região onde a respectiva documentação se torna cada vez mais abundante³.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO*

² Solicitei o habitual apoio de Alexandre Canha, para, mediante a aplicação de filtros, se lograr algo mais da leitura visível a olho nu. Desta feita, as suas diligências, que mui reconhecidamente agradeço, não lograram obter, por enquanto, resultados satisfatórios (cf. Fig. 4).

³ Em 2022, Manuel Leitão indicava 5 testemunhos no território do concelho de Castelo Branco, 10 no de Idanha-a-Nova e 6 no de Penamacor: *Fontes Epigráficas para o Estudo do Culto a Júpiter em Portugal*, Castelo Branco: Euedito, 2022, p. 354. Contudo, no *Ficheiro Epigráfico* n.º 268, 2024, Joaquim Baptista, Pedro Miguel Salvado e eu próprio, demos a conhecer uma nova ara de Idanha-a-Velha (n.º 895) e uma outra, de Medelim (n.º 896).

* Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património. jde@fl.uc.pt



FIG. 1



FIG. 2

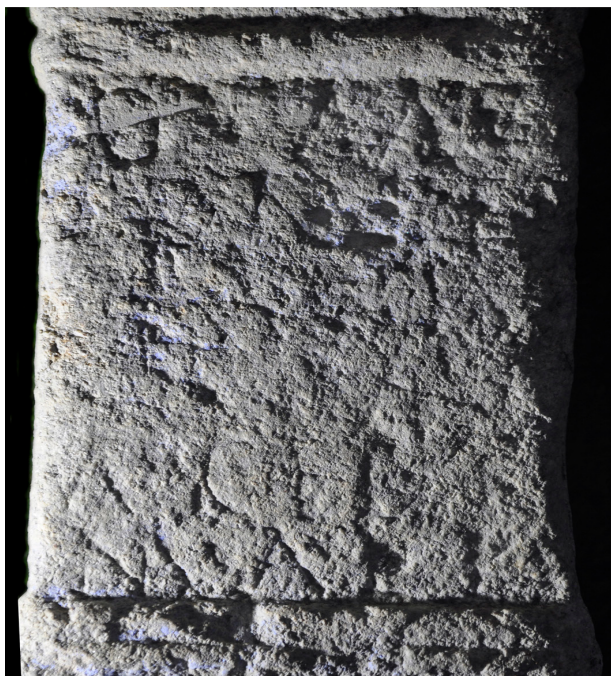


FIG. 3

907

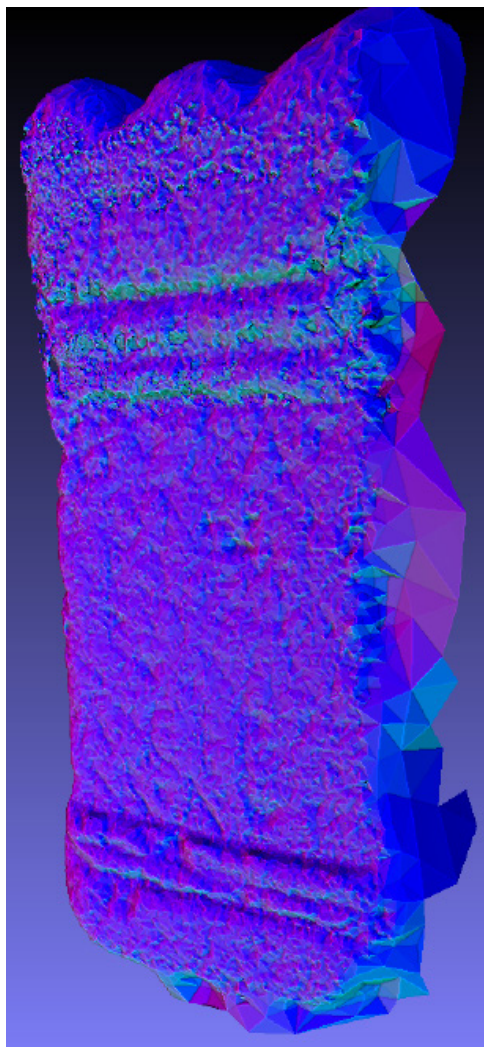


FIG. 4

FRAGMENTO DE EPITÁFIO ROMANO EM *PAX IULIA*

Estela prismática com coroaamento semicircular, de gabro, encontrada numa casa da Rua D. Manuel I, em Beja, durante a realização de obras, há mais de 30 anos.

Apresenta motivo decorativo inscrito em círculo com 11 cm de diâmetro: botão com três ‘pétalas’. Pequeno orifício circular na pétala central, possivelmente destinado a fixação de um elemento desconhecido.

Pertence à coleção de antiguidades, designadamente pacenses, do Sr. Carlos Mendes, a quem agradeço a pronta disponibilidade para que se procedesse ao estudo de mais esta «antiguidade» romana da sua cidade.

Dimensões: 27 x 20 x 16 cm.

Campo epigráfico: (7) x 11 cm.

D(is) M(anibus) S(acrum) [...]

Consagrado aos deuses Manes.

Altura das letras: 1,5/2 cm.

Há ponto após o D (que é largo); o M encontra-se deficientemente grafado; S de módulo maior, lançado para diante, com a parte superior desenhada não em curva mas com dois segmentos perpendiculares.

É provável que se trate do aproveitamento de uma estela funerária romana, de que à parte inferior da epígrafe, onde constariam decerto alguns dados sobre o defunto (o nome e a idade, por exemplo), teria sido dado outro destino. Nesta

parte, houve-se por bem esculpir este motivo floral em relevo, seguramente datável do período, bem posterior à época romana, em que lhe foi dado aproveitamento decorativo.

Datável do século II da nossa era – atendendo à paleografia e ao uso da fórmula inicial.

MIGUEL SERRA*



908

* Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património.



ARA A *SALUS* EN SAN VICENTE DE ALCÁNTARA,
BADAJOZ

Presentamos aquí el estudio de una inscripción que aparece recogida en el CIL II con el número 736, con un texto indescifrable. En ella se señala su procedencia de “San Vicente, en tierras de Alcántara” y se ofrece la lectura de Docampo, que especifica “*non vidimus*”¹.

La piedra ha estado desaparecida hasta 2018, cuando fue localizada en un muro que sirve de contención a una charca en la finca “Asiento de Farropo”, en el término municipal de la localidad de San Vicente de Alcántara, en Badajoz. Ávila Vega la recoge en un artículo sobre la epigrafía de la comarca de Valencia de Alcántara², pero desconoce su ubicación y se limita a comentar la lectura del CIL. Galavís Bueno la recoge dos veces en su libro sobre el poblamiento de la comarca de Alcántara³. En la n.º 25 se limita a copiar el texto del CIL, y en la n.º 29 cree estar en presencia de un ara inédita, sobre la que señala que estaba muy sucia y no había tenido tiempo para limpiarla, sin darse cuenta

¹ *S · AGR · VM.../SAEVTTCIIF · F · VE/ETELORIET · AVIA/N · TILLECVM/ FILIOS EORVM.*

² ÁVILA VEGA (Antonio): «Inscripciones latinas en la comarca de Valencia de Alcántara I», *Boletín de la Asociación Española de Amigos de la Arqueología* 22, 1986, 47-55.

³ GALAVÍS BUENO (Fernando de Asís): *El poblamiento romano en la comarca de Valencia de Alcántara*, Badajoz 2020, n.º 25 y 29.

que son la misma inscripción.

Recientemente hemos tenido ocasión de visitar las localidades de Valencia de Alcántara y San Vicente de Alcántara, para documentar la epigrafía de la zona y nos acercamos a la finca donde se halla nuestra inscripción, con el fin de proceder a su estudio. Se encontraba en un lamentable estado, totalmente cubierta de líquenes y apenas podían distinguirse las letras⁴. Tras una exhaustiva limpieza, conseguimos descubrir la mayor parte del texto, que ahora puede verse en su mayor parte con bastante nitidez.

Se trata de la mitad superior de un ara de granito gris claro, rota en su parte inferior. El coronamiento, poco marcado, lleva un fóculo circular y una pequeña moldura que da paso al fuste. El neto inscrito está muy deteriorado por la erosión.

Dimensiones: (52) x 50 x 43; letras: 6.

SACRVM
SALVTI CO[VTI?]
ET FLORI ET AVIA
ANTILI F(*ili*) CVM
FILIOS EORVM

Las letras son capitales rústicas y no se aprecia interpunción. El texto, que ocupa todo el neto inscrito visible y distribuido en cinco líneas, parece claro, salvo la segunda línea, que está muy erosionada.

En la segunda línea se lee, no sin dificultad, el nombre de la divinidad, *Salus*; pero el nombre del primero de los antropónimos que viene a continuación no está nada claro. Parece distinguirse una C inicial seguida de una O, por lo que podría restituirse *Couti*.

El operario no era muy ducho en el oficio, pues las letras son irregulares y no hay separación de palabras. Nótese la preposición de ablativo cum con el acusativo *filios*.

Se trata de una dedicatoria conjunta a la diosa *Salus* por parte de los hijos de *Antilus* y de sus nietos. No es el primer caso que aparece en la comarca, pues muy cerca de aquí, en la

⁴ Agradecemos a José Antonio Segura Santano su ayuda en la localización de la pieza y el habernos acompañado en nuestro viaje por la comarca.

finca de Fuente Blanca, perteneciente al término municipal de la vecina localidad de Valencia de Alcántara, ya en la provincia de Cáceres, se conoce otro testimonio del culto a esta divinidad⁵.

No es muy frecuente en la epigrafía votiva la aparición del nombre de los devotos en genitivo, salvo que se sobreentienda una fórmula del tipo *pro salute*.

Si nuestra restitución es correcta, el primero de los antropónimos, como decíamos, sería *Coutius*, que es un nombre originario de Lusitania y muy común en la epigrafía cacereña. Este antropónimo está documentado ya en la comarca, en una inscripción dedicada a *Iuppiter Repullsortius* hallada en la cercana localidad cacereña de Mata de Alcántara⁶.

Tanto *Coutius* como *Floria* y *Avia* son nombres muy comunes en la epigrafía cacereña. No así el de *Antili* (gen.), inédito en la epigrafía peninsular. Sólo conocemos un caso, utilizado como gentilicio por un liberto, diácono, P. *Antilius*, en una inscripción procedente de *Urbs Salvia*, en la región del Piceno italiano⁷.

Aunque la onomástica es mixta, el ambiente y el esquema onomástico son indígenas, pues los individuos llevan un simple antropónimo seguido del patronímico, procedente éste del sustrato local.

JULIO ESTEBAN ORTEGA
CARLOS AMADO ROMÁN

⁵ CALLEJO SERRANO (Carlos): «Cédulas epigráficas del Campo Norbense», *Zephyrus* XVIII, 1967, 95-96, n.º 8.

⁶ ESTEBAN ORTEGA (Julio): *Corpus de inscripciones latinas de Cáceres I. Norba*, Cáceres 2007, n.º 225, 169-170.

⁷ *AE* 1987, 0343.



